

MUSEU DE ARTE LEOPOLDO GOTUZZO: UMA EXPERIÊNCIA DE FRUIÇÃO ARTÍSTICA PELA PEDAGOGIA

MICHELE DA ROSA MACHADO¹; VERÔNICA SIQUEIRA QUADRADO²; DANIEL BRUNO MOMOLI³; EDSON PONICK⁴; DIANA PAULA SALOMÃO DE FREITAS⁵:

¹Universidade Federal de Pelotas – michelemachado2007@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – veronicasiqueira277@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – daniel.momoli@ufpel.edu.br

⁴Universidade Federal de Pelotas – edsonponick@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – disalomao@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho visa a contextualização de uma saída de campo ocorrida no primeiro semestre de 2025, na disciplina de Artes nas Infâncias I em articulação com a disciplina Prática Orientada I, ambas do curso de Licenciatura em Pedagogia (vespertino). Conforme o Plano de Ensino, o objetivo da disciplina é estudar os aspectos teóricos da Arte, da Educação Estética e da Arte-Educação. Conhecer os fundamentos legais, históricos, pedagógicos e as principais concepções e teorias. Discutir a indústria cultural e o desenvolvimento expressivo-criador, cognitivo, reflexivo das Artes. Deste modo, estudamos diversos conteúdos, que nos proporcionaram trabalhar as linguagens da Dança, do Teatro e das Artes Visuais.

Em específico, durante a abordagem das Artes Visuais nesta disciplina,, realizamos uma visita de campo ao Museu de Artes Leopoldo Gotuzzo (MALG). A visita insere-se na ação de extensão “Articulação universidade, escola e museu na formação de professores pela mediação da fruição artística”, no âmbito do Projeto “Eco-Estética: pesquisa e extensão em Educação Estético-Ambiental”, cadastrado na Plataforma Cobalto da UFPel sob N°5462. O Museu é um espaço público de extensão universitária, que conecta a comunidade com os estudantes e professores do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Seu acervo conta com mais de 4000 pinturas e esculturas, a maioria sendo retiradas da extinta Escola de Belas Artes, que também se instalava na cidade de Pelotas e que posteriormente deu origem ao Centro de Artes.

As exposições que estavam transcorrendo no dia de nossa visita eram “Virilidade e identidade: o corpo masculino na obra de Gotuzzo” e “A figura humana pelo olhar das artistas da Escola de Belas Artes (EBA)”. A primeira exposição diz respeito à imagem do corpo do homem, sua liderança e envolvimento na visualidade, a partir da visão e expressão de Leopoldo Gotuzzo. Já a segunda exibição é focada no gênero feminino, destacando o papel das mulheres artistas na época moderna, em que eram pouco valorizadas e apenas consideradas como musas, e não como criadoras de sua própria arte.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

Fomos recebidos por dois estudantes de Artes Visuais da UFPel e mediadores do projeto Biruta, que integram o Núcleo Educativo do Museu e mediarão nosso diálogo. Eles primeiramente nos envolveram numa sensibilização para analisar as obras, no primeiro momento não sabíamos o significado de cada produção, nosso primeiro contato foi a partir da nossa intuição e opinião individual sobre as artes.

Após, fomos separados em 5 grupos para realizar uma atividade com o que denominaram: cartas dialogantes, uma estratégia artístico-pedagógica utilizada para a mediação com grupos durante visitas ao museu. Nestas cartas estavam escritos expressões oriundas do campo da estética: “bonito”, “estranho”, “interessante” e “medo”, e tínhamos que entrar num consenso, no grupo, para colocarmos os papéis em obras que se aproximassem de tais categorias utilizadas para denominação da percepção da obra de arte. No final, individualmente, tínhamos a possibilidade de mudar as cartas de lugar ou colocar no chão, caso as demais pessoas do grupo discordassem da nossa opinião pessoal.

Posteriormente, houve diálogo sobre as exposições e obras, por parte dos professores participantes da visita, juntamente com os mediadores. Após, tivemos que fazer um relatório acerca da visita e correlacionar com algumas obras que chamaram a nossa atenção, destacando alguns pontos que foram analisados nesta fruição artística, como: introdução: resenha geral do evento; descrição dos detalhes objetivos da obra; análise, de acordo com a observação da composição da imagem; interpretação, pela expressão da mensagem entendida; contextualização dos aspectos históricos, políticos e sociais da obra e do autor; revelação: quando expressamos nossas reflexões sobre a experiência. A metodologia de análise das obras está baseada na proposta de Robert William Ott abordada por Baliscei; Stein; Alvares (2018, p. 402 – 407).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A seguir, destacamos a nossa análise a respeito de obras que nos despertaram curiosidade e interesse, considerando os pontos citados no parágrafo anterior.

A primeira imagem se refere à obra “Perspectiva na Rua” de Marlene Alves Pereira, de 1968. A pintura mostra uma rua com calçamento e construções coloniais, retratando uma cena típica da cidade de Pelotas, com suas casas históricas, chão de pedras e atmosfera tranquila.

Em destaque há um homem negro, que caminha calmamente pelo centro da rua, de camisa branca e calça azul, voltado para o observador. O céu encoberto por nuvens densas sugere um clima úmido e típico da região sul, talvez mostrando proximidade de chuva.

O estilo lembra o realismo ou classicismo, com foco no cotidiano e na arquitetura, característicos da cidade em meados de 1960, com algumas pessoas pintadas caminhando pelas ruas tão bem enfeitadas com os prédios coloridos e pedras.

A atmosfera da pintura é melancólica, silenciosa e reflexiva. Na percepção de uma das autoras deste trabalho, o horário representado na pintura parece ser de manhã bem cedo, visto ser poucas pessoas na rua, talvez trabalhadores, e até a escolha de cores dá uma sensação mais fria, característica da manhã. É uma pintura que trouxe uma sensação de aconchego, tranquilidade, paz, quase podendo ouvir o silêncio matutino quebrado apenas pelo calor do sol.

Já na segunda imagem, está o quadro “Bailarina” de Conceição Aleixo, publicado em 1951. A técnica utilizada é óleo sobre tela com pinceladas visíveis nos fundos atrás da bailarina, sugerindo movimento e profundidade. As cores são suaves, dando sensação de tranquilidade, com uma iluminação boa, assim como mais neutras no plano de trás para contrastar com o vestido da bailarina, e poucas cores coloridas, como panos azul e amarelo embaixo.

Ela parece possuir postura ereta e um olhar sereno de confiança, bem como as dançarinas dessa época, com suas pernas prestes a descansar, dando a entender que está no intervalo de seus treinos. (BOGGS, 1988). Vale destacar que, naquela época, o balé era visto como expressão artística, delicadeza, disciplina e juventude feminina. Por isso, retratar uma bailarina naquele período também dialogava com uma idealização romântica e socialmente aceita da feminilidade (SCHWARCZ; STARLING, 2015).

Na contextualização do âmbito cultural, o modernismo estava se estabelecendo nas grandes capitais, e uma produção mais acadêmica em centros regionais, como aqui em Pelotas com a ligação às Belas Artes (FABRIS, 2000). Diante disso, as cidades pequenas ainda mantinham a tradição acadêmica, era também uma forma de afirmar valores culturais, elegância e refinamento (BARDI, 1975).

Ao passar pela pintura na exposição, nos remeteu a uma calma e admiração extrema, sentimos uma paz tão boa ao vê-lo e presenciar uma arte tão bonita como a dança, com uma representação de uma moça tão bela e harmônica pelos olhos da artista. Assim como, achamos de grande importância a pintora retratar outras mulheres, pois vemos a exaltação do gênero feminino em ambos os sentidos, seja como artista visual (Conceição Aleixo) como musa (a bailarina).

E por fim, na terceira imagem, a arte em questão é chamada de “*Carpe Diem*”, de autoria de Lenir de Miranda, 2006. Pesquisando um pouco a fundo, percebemos que esse estilo de trabalho é característico dessa autora, uma artista pelotense com relevância na arte contemporânea regional. (PORTFÓLIO DIGITAL DE LENIR DE MIRANDA, 2025)

Na primeira vez que observamos a obra surgiu um desconforto, como se a obra estivesse expressando algum tipo de dor, especialmente pela escrita “*carpe diem*” estar em vermelho vibrante, como algum tipo de alerta. Depois percebemos que o que nos causou estranheza também foi ter nos enxergado na figura em branco, como se fôssemos nós, cheias de rabiscos em formação, observando as obras do museu.

Foi lembrado o filme “A Sociedade dos Poetas Mortos” onde é explicado que essa expressão em latim significa “viver o dia de hoje” e o alerta que sentido ficou mais evidente, o momento mais importante de nossas vidas é o agora, não há como mudar o passado e nem se sabe do futuro.

E a questão temporal ficou bem evidente, como expressou o Professor Edson, sobre a moldura ser antiga, nos lembrando o estilo barroco de meados do século XVI. Assim como, o futuro com o dado saindo para fora do plano da pintura, sempre usado em jogos de sorte/azar, reforçando a possível mensagem de viver o dia. E também o arame fino que o segura, mantendo uma certa cautela para nossas decisões pois o momento é frágil e imprevisível.

Nesta visita ao MALG, foi importante observar artistas da região, conhecendo suas obras e fazendo-nos pensar e nos identificar com algo próximo a nós. Nesta prática, cumprimos um grande exercício de resistir ao apagamento cultural das regiões periféricas ou interioranas. Isso nos ajuda a desenvolver um olhar mais sensível e crítico sobre o que está ao nosso redor e a repensar o valor do “comum”.

A experiência também conversa com a nossa futura profissão, de forma que entendemos o significado de estar presente em locais com potencial para desenvolver diversos tipos de educação. O museu nos leva a refletir sobre o seu papel dentro dos espaços sociais, permitindo discutir questões como acessibilidade, inclusão e representatividade, compreendendo a educação como

um direito de todos e reconhecendo a importância de democratizar o acesso ao conhecimento.

Portanto, a ida a museus estabelece uma relação intensa com a formação de pedagogos, já que promove o enriquecimento cultural, o desenvolvimento de metodologias educativas criativas e o amadurecimento de uma visão crítica frente às desigualdades no campo da educação. Mais do que locais destinados apenas à exibição de acervos, os museus configuram-se como parceiros essenciais na trajetória de futuros educadores engajados com uma formação plena, democrática e sensível à diversidade cultural.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALISCEI, João Paulo; STEIN, Vinícius; ALVARES, Daniele Luzia Flach. Conhecendo o Image Watching e a Abordagem Triangular: Reflexões Sobre as Imagens da Arte no Ensino Fundamental. **Revista Contexto & Educação**. Ano 33, nº 104, Jan./Abr. 2018. Editora Unijuí. p. 395-416. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/6782/5667>.

BARDI, Pietro Maria. História da Arte Brasileira. São Paulo, Melhoramentos, 1975. **Torno da Escultura no Brasil**. São Paulo, Banco Sudameris Brasil, 1989.

FABRIS, Annateresa. Modernidade e modernismo no Brasil. São Paulo: **Perspectiva**, 2000.

MIRANDA, Lenir de. **Site da artista Lenir de Miranda**, 2025. Disponível em: <https://www.lenirdemiranda.com/>. Acesso em: 22 ago. 2025.

MUSEU DE ARTE LEOPOLDO GOTUZZO. **Exposições**. Pelotas: UFPel, [s.d]. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/malg/exposicoes/>. Acesso em: 22 ago. 2025.

MUSEU DE ARTE LEOPOLDO GOTUZZO. **Sobre o museu**. Pelotas: UFPel, [s.d]. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/petpedagogia/planejamento/>. Acesso em: 22 ago. 2025.